

Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo

Susana Dias [1]

Resumo: Este trabalho diz de um pensamento em que o problema é menos comunicar algo já dado, pronto e acabado e mais entrar em comunicação com um mundo todo vivo. Trata-se do chamado vital a ensaiar uma escuta aos devires (Deleuze, 1997; 2006), pois que o antropocentrismo ainda é um funcionamento triste que nos move a produzir em lógicas demasiado humanas, recognitivas, modernas, em que somente nos encontramos e identificamos com nós mesmos. Para pensar em outros modos de existência (Souriau, 2017) dos sistemas comunicantes, propomos fazer da escrita um meio vital de aprendizagem do que podem as alianças com as florestas por senti-las como intercessores fundamentais diante das mudanças climáticas, das catástrofes socioambientais, do Antropoceno, de Gaia... E isso passa por dar a perceber que comunicar tem menos a ver com um dizer sobre a floresta, e mais com um *perceber-fazer floresta* por outros modos de existência sensíveis, modos de existência fotográficos, filmicos, pictóricos, de escrita etc.. Numa floresta não há lugar para um pensamento em torno de uma matéria inerte e estéril, antes a floresta reivindica os mil gestos necessários para nos tornarmos dignos do papel-tela (papel-jornal, papel-revista, papel-tela-pintura, papel-tela-do-cinema, papel-multimídia...) como uma matéria viva, ativa e criativa. Serão as composições com práticas e materiais que movem nossos fazeres no grupo de pesquisa multiTÃO - e nos coletivos que compomos em eventos, exposições, oficinas e nas disciplinas do mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Labjor-Unicamp -, e que têm a revista *ClimaCom* como espaço-tempo privilegiado de experimentação, que permitirão desdobrar estas breves ideias. O Lab-Ateliê, como temos chamado essa seção, resulta de uma tentativa de tornar a divulgação científica e cultural um gesto coletivo de investigação, criação e atenção à vida de imagens, palavras e sons. E isso diz respeito a um corpo a corpo com a matéria papel e à sua transformação em um material rico, complexo e perturbador das lógicas dominantes, onde nos percebemos materiais entre materiais, ferramentas entre ferramentas. Uma busca por afirmar uma lucidez alegre capaz de vigorizar a potência comunicante de uma “anarquia ecológica” (Stengers, 2018), onde não têm lugar as separações e hierarquias entre mundos, humanos e papéis, as oposições entre matéria-espírito, humano-não-humano, sujeito-objeto e teoria-prática.

Palavras-chave: Sistemas comunicantes. Floresta. Antropoceno. Devir. Materialidade.

[1] Pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), líder do grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, comunicações e educações (CNPq), professora do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (Labjor-IEL-Unicamp), editora da Revista *ClimaCom*. Endereço eletrônico: susana@unicamp.br

Perciving-making forest: entering in communication with a whole living world

Abstract: This study is about a thought in which the problem is less communicating something ready and finish and more getting into communication with a whole living world. It is about of the vital call to exercise, to test, a listening to the becoming (Deleuze, 1997; 2006), because the anthropocentrism is still a sad operation that moves us on to produce in too human, recognitive, modern logics, where we only meet and identify with ourselves. To think in other “modes of existence” (Souriau, 2017) of the communication systems, we propose to make of the writing a vital learning medium of what forest alliances can do in face of climate change, of Anthropocene, of Gaia... And this learning goes through making it perceptible that communicating has to do with perceiving-making forests for other sensible modes of existence: photographic, filmic, pictorial, of writing etc.. In the forest there is no place for thinking around an inert and sterile matter. Instead, the forest reclaims the one thousand necessary gestures so that we can become worthy of the paper (paper-journal, paper-magazine, paper-canvas, paper-cinema-screen, multimedia-paper...) as living, active and creative matter. It will be the compositions with practices and materials that move the multiTÃO research group and that will allow the unfolding these ideias. Both in events, exhibitions and workshops, and in the master’s degree subjects in “Science and cultural communication” of the Labjor-Unicamp, which have the Laboratory-Atelier of the ClimaCom jornal/magazine as a privileged space-time of experimentation. The Lab-Atelier, as we have called this section of the magazine/journal, results from an attempt to make scientific and cultural dissemination a collective gesture of investigation, creation and attention to the life of images, words and sounds. And this concerns a body to body with paper matter and its transformation into a rich, complex material that is disturbing to the dominant logics, where we perceive ourselves as materials between materials, tools between tools. A search to affirm a cheerful lucidity capable of energizing the communicative power of an “ecological anarchy” (Stengers, 2018), where the separations and hierarchies between worlds, humans and papers, the oppositions between nature-culture, matter-spirit, human-non-human, subject-object and theory-practice do not take place.

Keywords: Communication systems. Forests. Anthropocene. Becoming. Materiality.

Os brancos só contemplam sem descanso
as peles de papel
em que desenharam suas próprias
palavras.
Se não seguirem seu traçado, seu pensa-
mento perde o rumo.
Enche-se de esquecimento e eles ficam
muito ignorantes.
David Kopenawa e Bruce Albert

A aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo

O problema que nos interessa pensar é menos o de comunicar algo já dado e mais o de entrar em comunicação com um mundo todo vivoⁱⁱ. E uma floresta é um mundo todo vivo! Esta perspectiva da floresta, de um mundo todo vivo, atravessa a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, cintilação que recolhi do imanentismo de seus escritos-pensamentos e que encontro alegres ressonâncias no modo como o filósofo mexicano José Ezcurdia aborda essa filosofia no livro *Cuerpo, intuición y diferencia em el pensamiento de Gilles Deleuze* (2016). Um mundo todo vivo, também movimenta o pensamento do filósofo Étienne Souriau, para o qual tudo no mundo vibra, e cuja perspectiva se pode conhecer mais intensamente no Brasil com o livro do filósofo David Lapoujade *As existências mínimas* (2017). Um mundo todo vivo é um clarão que move a literatura e os escritos de autores como Clarice Lispector, Marguerite Duras, Marguerite Yourcenar, Nuno Ramos e D. H. Lawrence, este último cujos interesses passam pelos povos pagãos, como Celtas, Etruscos, Caldeus e Assírios. Um mundo todo vivo faz parte da cosmologia do povo Yoruba da Nigéria, para os quais tudo que existe tem *àsè* [axé], autoridade, como abordam o *babalorixá* Dadhar Faseyi (hoje nomeado rei

Oba Ojele) e a pesquisadora e ialorixá Glória Freitas (hoje Yeye Meso) no artigo “Dialogando com a semente de obi ou a floresta: um convite para conhecer um pouco da nossa tradição religiosa e cultura Yoruba” (2018). Um mundo todo vivo é, também, um princípio presente nos modos como o povo indígena Krenak experimenta a relação com o mundo, e que podemos ler no livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), recém-lançado pelo diplomata cósmico Ailton Krenak. Um mundo todo vivo é como sentem, experimentam e vivem vários artistas, alguns com os quais tivemos a honra de trabalhar junto nos últimos anos, como Marli Wunder, Neusinha Aguiar, Walmor Corrêa e Fernanda Pestana, e outros que pudemos estudar como Edith Derdyk e Cildo Meirelles e que nos inspiraram. Aprendemos com a filosofia e a antropologia das ciências, especialmente os trabalhos de Isabelle Stengers e Bruno Latour, que um mundo todo vivo também movimenta as práticas científicas que despertam diferentes interesses (palavra que advém de interesses, como lembra Stengers (2002) e que alcançam uma eficácia política.

Tal possibilidade, de entrar em comunicação com um mundo todo vivo, parece que só pode acontecer quando o humano deixa de ser o centro dos processos comunicantes, quando o humano se deixa abrir aos devires e povoar por forças não-humanas. É o chamado insistente do filósofo Gilles Deleuze para os devires (devir mulher, devir criança, devir negro, devir índio, devir literatura, devires vegetais, minerais, animais, moleculares, cósmicos...) para os quais se quer abrir uma escuta: “Tantos seres e coisas pensam em nós”; “Há sempre um sopro no meu, outro pensamento no meu, outra possessão no que possuo, mil coisas e seres implicados

em minhas complicações” (Deleuze, 2006, p. 306); “Félix e eu, e muito mais gente como nós, não nos sentimos precisamente como pessoas” (Deleuze, 1992, p. 177). Esta última frase dizia ao referir-se à percepção de que ele e Félix e eram dois riachos que se juntam para fazer “um” terceiro que seria um “nós”.

Sentimos que abrir uma escuta aos devires é vital, pois vivemos tempos em que o antropocentrismo continua em plena atividade e alimenta produções em lógicas demasiado humanas, cognitivas, em que somente nos encontramos e identificamos com nós mesmos. Tempos em que somos interpelados por uma vertiginosa vergonha de sermos humanos e convocados a levar a sério uma crítica à centralidade e excepcionalidade dos humanos, a repensar o humano, suas dimensões, suas atividades, suas frágeis e débeis conexões com a Terra. Tal vergonha nos força não a uma identificação com esse tempo tal como se há nomeado de Antropoceno, mas antes um engajamento numa operação de diferenciação desse tempo. Isto porque sentimos que o chamado que nos afeta tem relação com o que diz Donna Haraway (2016, p.139): “nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto seja possível, e cultivar uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios”.

Dar atenção aos devires é um modo de devolver o caos e o infinito aos humanos, de seguir suas linhas expressão não mais por indivíduos isolados, mas pelas composições complexas com uma miríade de outras vidas orgânicas e inorgânicas. Devires dizem sempre de alianças entre divergentes - não há lugar para o humano como ponto de convergência -, dizem de processos de imbricações

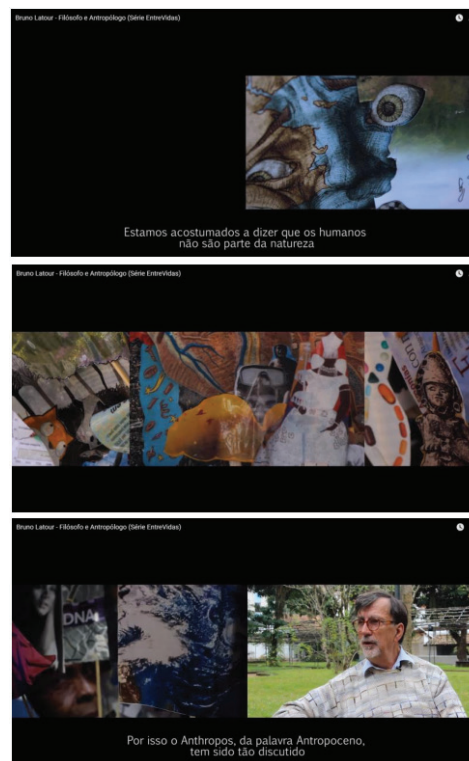
recíprocas que arrastam os envolvidos para limiares impensados. São exercícios de modos de estar junto anômalos, movimentos que abrem comunicações transversais, instáveis e irregulares e ampliam a potência de vida. Os devires implicam a inserção do humano numa aventura cósmica, no abraçar toda uma possibilidade de ampliar, multiplicar e proliferar o cosmos e o humano para além dos funcionamentos tristes que habitualmente povoam imagens, palavras e sons nos processos comunicantes e educacionais.

Abrir os humanos ao cosmos exige a invenção de desvios das apostas incessantes da fixação e estabilização dos sentidos de humano, quer seja em fotografias, em desenhos, filmes ou instalações. Na perspectiva antropocêntrica, a tarefa dos humanos é demasiado simplificada na ideia de representação no papel-tela de um cosmos que estaria fora dele e à sua disposição. A tarefa que sentimos que nos toca tem a ver com a proliferação de novos “modos de existência” (Souriau, 2017) dos sistemas comunicantes além-do-humano, que aqui buscaremos exercitar ensaiando alianças com as florestas, pensando nelas como intercessores fundamentais diante das mudanças climáticas, das catástrofes socioambientais, do Antropoceno, de Gaia... Desejos de que a escrita se efetue como um meio vital de aprendizagem com as florestas acerca de como reunir forças e restituir as possibilidades de uma vitalidade e saúde do pensamento.

São as composições com práticas e materiais que movem nossos fazeres no grupo de pesquisa multiTÃO (CNPq) e nas disciplinas “Arte, ciência e tecnologia” e “Literatura, cultura e sociedade” que ministram no mestrado em Divulgação Científica e Cultural do

Labjor-Unicamp, que têm permitido desdobrar essas ideias. Tais práticas têm a revista *ClimaCom* <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>> como espaço-tempo privilegiado de experimentação. Na revista, desde seu início em 2014, levamos adiante práticas, por entre artes, ciências, filosofias (e não só), que desejam suspender as apostas cognitivas e espetaculares da divulgação científica e cultural e interromper os fluxos tristes que alimentam dicotomias entre matéria e espírito, teoria e prática, sujeito e objeto, humano e não-humano.

A revista é uma espécie de laboratório-ateliê coletivo onde os sistemas comunicantes se pensam e fazem como pequenos gestos de investigação, criação e atenção à vida. Tal busca passa por diferentes práticas: desde a proposição de temas e chamadas para dossiês, a produção de entrevistas, notícias e reportagens, a curadoria da seção de arte, às experimentações de criações audiovisuais em bando - cardume, nuvem, revoada... -, e que acontecem em encontros, oficinas, aulas, congressos, mesas de trabalho ao ar livre e seguem ganhando corpo e expressão em ensaios fotográficos, vídeos, instalações multimídia, programas de rádio-arte, animações, performances, livros-objeto, filmes, eventos e exposições. Práticas e composições que ensaiam uma atenção aos materiais e suas propensões, que buscam efetuar sobreposições, inconformidades, rasuras, apagamentos, transmutações nas lógicas habituais de ver, sentir, pensar e que, talvez, possam contribuir com a produção de novas sensibilidades para as relações entre os humanos e a Terra.



Bruno Latour - Filósofo e antropólogo Série Entrevistasⁱⁱⁱ

<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/bruno-latour-filosofo-e-antropologo-serie-entrevistas/>

*Montamos as imagens da entrevista com Bruno Latour para a ClimaCom junto com uma floresta de papel que criamos com várias pessoas em diferentes lugares e situações: nas exposições Afetos nascentes (2014) e Aparições (2015) no Museu da Imagem e do Som (MIS-Campinas), nas mesas de trabalho ao ar livre realizadas em praças de Campinas, nas participações eventos de divulgação científica e feiras de ciências em Campinas, São Carlos e na Amazônia. A proposta nasce do encontro com a fabulosa obra *Leave of grass* do canadense Geoffrey Farmer e nos*

atrai sobretudo por lidar com materiais comuns e amplamente disponíveis: revistas, tesouras, colas, palitos e pequenos vasos com areia. Diferente do artista, propusemos fazer a instalação com outras gentes, ao invés de leva-la já pronta. Convidávamos as pessoas a recortar das revistas imagens e compor com elas pequenas notícias mutantes nos palitos. Ao final dos encontros, as imagens nos palitos eram guardadas e, a cada vez, quando montávamos novamente, sempre novas vizinhanças e novos modos de relações entre imagens se estabeleciam. O mesmo acontecia ao fotografar e filmar a floresta, convite que também fazíamos às pessoas. Em uma das ocasiões, tivemos a ideia de oferecer às pessoas exercícios feitos com palavras como inspirações. Matérias originalmente publicadas na revista *ClimaCom* sobre as pesquisas realizadas nas sub-redes da Rede Clima foram alteradas na relação com um agente transformador interessante: a literatura. A artista Fernanda Pestana deu vida à ideia inserindo pequenos trechos de *O livro das ignoranças*, de Manoel de Barros, *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, e *Kalahari*, de José Serguilha. Fernanda alterou, também, a materialidade da revista *ClimaCom*, que é digital, fazendo dela um papel-jornal. Diferente das mutações que o jornalismo costuma operar e que levam constantemente ao seu julgamento, a literatura suspende as lógicas já prontas e impostas de relações entre palavras e sentidos e prefere experimentar convívios e afetações nem sempre legitimados e garantidos, e que não estão errados, nem simplificam os problemas. A artista insere o papel-tela numa variação infinita ao colocá-los em relação e sob funcionamentos que não são os habituais. Dando a ver uma das apostas do grupo, o que a divulgação científica e cultural não é

um espaço-tempo em que imagens, palavras e sons são meros porta-vozes dos problemas colocados pelas Ciências. Imagens, palavras e sons colocam-se, eles mesmos, como problemas de ciências e comunicações por vir, a serem experimentados com o público para nutrir outros modos de conhecer, sentir e habitar os mundos. Por isso a questão “Como comunicar as mudanças climáticas diante de tantas abordagens clichês que não nos sensibilizam mais?”, sempre nos retorna afirmativamente. E nesse retorno a própria noção de público se torna uma outra coisa, mais complexa e equivocada. O público parece menos um problema de destino ou direção da comunicação e mais a questão de um comum, de um estar junto e viver junto que precisa ser, a cada vez, criado e sustentado. Um estar junto que envolve encontros, trânsitos e passagens entre diferentes pessoas, entre distintos materiais, linguagens e lógicas. E encontros são feitos de algo inesperado, que não é projetado... Não sabíamos de antemão que montávamos florestas. Não foi uma ideia que surgiu para ser aplicada, antes uma percepção que veio depois, no decorrer da série de montagens coletivas. E, com o filme, sentimos que não apenas montávamos florestas, éramos também montados por elas. E, com a floresta, veio a chuva...



Em uma floresta não há lugar para um pensamento triste em torno a uma matéria inerte e estúpida, há antes uma reivindicação alegre a pensar em um caráter animado, variado e criativo da matéria, especialmente em relação a matéria inorgânica. Onde não há sentido opor o micro e o macro, o molecular e o molar, pois que não há escala nem dimensão que possa ser eleita ou excluída. As próprias definições de micro e macro não se dão de antemão, antes são compostas a cada vez, e o que importa são as atividades vitais que ocorrem nessas diferentes escalas e dimensões, assim como as que se dão nas zonas de passagem e que geram comunicações dinâmicas que instalam meios inéditos de vizinhanças e convivialidades. Nesse sentido, ter uma floresta como companheira de pensamento e criação requer não somente gestos de preservar e proteger, mas também uma atenção a um ponto de vista de uma matéria viva e criativa, propensa aos devires. E os devires são sempre uma questão de passagens, de

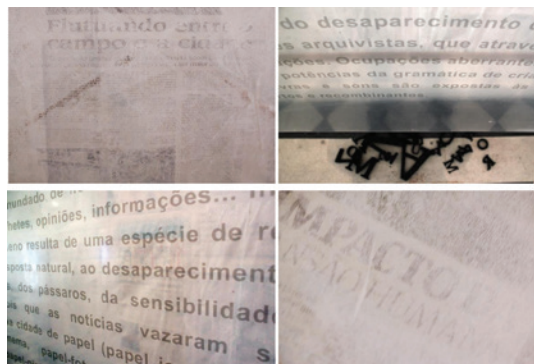
“passar entre, de estar entre, intermezzo” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 69). Abrem uma oportunidade de escapar das dualidades, de simpatizar com gestos intervalares, capazes de povoar e multiplicar as possibilidades do entre. Em que comunicar torna-se um modo dos humanos se juntarem aos processos de transformação da matéria em material - que Souriau chama de “espiritualização da matéria” (2017) - e tornarem-se responsáveis pela tarefa de participar da proliferação das florestas por novos modos de existência.

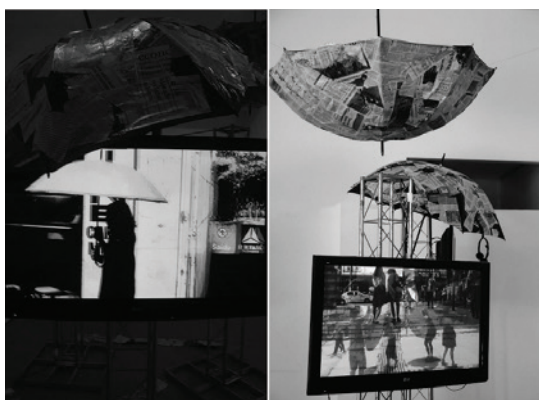
Toda uma atentividade transmodal é reclamada pelas florestas. Isto porque dar atenção a um mundo todo vivo é um modo de interessar-se pela riqueza do que existe mais além das visibilidades e sonoridades já dadas e entregar-se aos mínimos enredamentos de linhas comunicantes onde mundos, seres, coisas e forças se abrem em conexões nunca vistas e ouvidas. É perceber que toda a matéria tem brechas, e nessas aberturas da matéria é que se pode situar uma outra política sensível, capaz de tornar notável o que faz oscilar a matéria, as passagens entre diferentes modos de existência da matéria. Ter as florestas como parceiras de pensamento e criação envolve assumir uma perspectiva de sistemas em movimento e constante formação, nos quais a matéria adquire novas propriedades, aumenta sua ordem e complexidade, onde as flutuações e instabilidades desempenham um papel essencial, pois que “a matéria se torna mais ativa” (Prigogine, 2011, p.170).

Na exposição “Aparições”, que realizamos no Museu da Imagem e do Som (MISCampinas) em 2015, o jornal foi a matéria viva que ativou as relações entre diversos trabalhos de artistas convidados, e criados pelo grupo

multiTÃO para a ClimaCom. Participando em todas as salas e na relação com várias obras, o jornal se tornava, ao mesmo tempo: o causador de uma inundação de notícias e opiniões; o responsável por uma catástrofe cognitiva e representacional que gerava perda de sensibilidade; aquele que sofria as consequências dessa catástrofe junto a outros seres e coisas; e a matéria que se oferecia à experimentação de saídas vitais diante das mudanças climáticas e da extinção dos processos criativos experimentados com o Antropoceno. Era papel, mas também tela, fotografia, filme, nuvem, chuva, guarda-chuva, raio, rio, onda, terra... Para que o jornal virasse tudo isso, e permanecesse jornal, nós os separamos, unimos as páginas com fita crepe, em alguns casos colamos essas montagens em papelão e os pintamos com tinta guache de branco, azul e marrom. Também cortamos, rasgamos e os colamos sobre diferentes superfícies. Na entrada da exposição, de um lado a floresta com as notícias mutantes e do outro um painel de jornais pintados de branco, várias letras de diferentes tamanhos espalhadas pelo chão, a palavra Aparições e o texto de apresentação da exposição em sombra projetada sobre os jornais, recebia os visitantes. O texto contava brevemente sobre a inundação de notícias que atingiu o MIS durante o mês de março e o desaparecimento da política e da sensibilidade que havia gerado. Duas colunas de cinco metros de altura, logo na entrada, com jornais pintados de azul, selecionados das páginas onde nuvens e as reivindicações das populações apareciam nos jornais, mostravam o nível que a água havia atingido. Toda a lateral do andar de cima do museu também recebeu uma barra de jornais de um metro, que mostrava que a inundação também atingia do segundo piso. E formava uma espécie

de margem de um rio que insistia em permanecer presente. Objetos pendurados no teto, teclados de computador, cadeiras, ventiladores, molduras etc., com jornais enrocados, mostravam um arquivo da beira do mundo criado por Odair Mechi Soares com o que tinha sido arrastado pela inundação para dentro do museu. Guarda-chuvas forrados de jornais “protegiam” telas onde era possível assistir o vídeo *Entre-vidas* que fizemos com o antropólogo Carlos Mondragon, em que o problema dos povos ameríndios insulares e dos povos das cidades são colocados em relação numa composição entre a entrevista e imagens da performance “Um clima bom para tomar outros banhos” do Coletivo Onírico de Teatro. Criamos uma onda azul de 25 metros quadrados, que reunia páginas das seções de economia dos jornais e que tinha, apenas em suas margens, nas franjas brancas da onda, páginas das seções de arte. Na onda foi projetado o filme *Zugang*^{vi}, do artista colombiano Sebastian Wiedemann e Adrián Cangí, em que um homem que não cessa de caminhar, um farol que oscila e dois barcos entram em fluxos e variações lumínicas e sonoras. Fizemos, ainda, uma caverna reunindo páginas das seções de policial pintadas na cor de terra que abrigou uma TV em que foi exibido o filme *Midas*^{vi} do paraense Armando Queiroz. No filme, a miséria e a febre do ouro de Serra Pelada são percebidos por um rosto pintado de dourado de um homem que devora incessantemente pequenos besouros que caminham por suas mãos. As notícias mutantes compuseram, desta vez, o laboratório *Coleção de desertos*. Estes materiais conviviam com vários outros trabalhos^{vii}.





Imagens da exposição Aparições, 2015, Museu da Imagem e do Som (MIS-Campinas). Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/aparicoes/>

Vigorizar uma anarquia ecológica

E quando o humano se envolve em um movimento de implicação recíproca com as florestas ele também se insere em um sistema de variação contínua, em um campo mutante de diferenciação recíproca. As florestas convocam uma espécie de *anthropos* radical, pois que forcem o humano a perceber que ele não está só. Não há mais o humano separado, fora

e superior à natureza, não há mais como operar por separações entre sujeitos e objetos, antes há um chamado a pensar nos humanos em termos de materiais entre materiais, a realocar o humano num continuum com as naturezas.

Sente-se que aos humanos há uma tarefa a fazer, pois é no corpo a corpo com a matéria viva, ao ganhar intimidade com a matéria ativa, em sua transformação em um material rico e complexo, que uma espécie de “comunicação secreta e inconfessável” (Lapoujade, 2017) se estabelece e por meio da qual se pode dar uma alma, ou uma vida nova, à floresta. Não se trata de falar sobre as florestas, mas um perceber-fazer floresta por outros modos de existência sensíveis, modos de existências fotográficos, pictóricos, escultóricos, cinematográficos, performáticos, de escrita etc.. Um perceber-fazer floresta que pede não apenas narrações, mas a invenção de uma outra língua, pede um ato especulativo. Pede que miremos os materiais e atentemos para suas forças invisíveis, para os ruídos inaudíveis, que nos interessamos não apenas pelo que é visível. Pede que interroguemos o interesse da comunicação massiva pela visibilidade, sua insistente aposta no realismo e o desprezo pela potência de simulação, modelagem e ficcionalização de ciências e artes.

A ideia de que comunicar tem a ver com um perceber-fazer floresta, com a “intensificação e instauração” (Souriau, 2017) de uma floresta por outros modos de existência, reclama a necessidade de pensar a escrita-pesquisa como uma espécie de estação hipersensível, capaz de captar não as formas de uma matéria acabada, mas sim as vibrações de uma matéria viva, de sentir a

respiração da matéria papel-tela, de atentar para a percepção de que palavras, imagens e sons são feitos de elementos heterogêneos e que contêm um princípio de vida, um sopro de vida. Percepção que produz uma espécie de lucidez alegre, pois que faz da escrita-pesquisa animada por forças políticas de outra natureza.

Dignificação do papel como matéria viva

Sentimos que, como diz Lapoujade ao pensar com o Etienne Souriau, que “ou a matéria começa a viver e sentir ou então tudo perde sua alma e nada mais vive” (2017, p.69). Por isso, nas atividades que temos realizado com a revista *ClimaCom* (e nas imagens apresentadas ao longo deste texto) temos convidado diferentes coisas, seres, pessoas a reativar uma espécie de cosmicidade do papel, a experimentar sistemas de comunicantes que passa por uma dignificação do papel como matéria viva. Tarefa que exige um dismantelamento da conformação da matéria papel para liberá-la de formas já dadas e estáveis. Isto porque a criação de um meio vivo, tal como o chão de uma floresta ou o fundo do mar, não se faz com matérias prontas e acabadas, mas sim com materiais que se tornam disponíveis através de processos como, por exemplo, corte, desprendimento, queda, deposição, redução e decomposição. Também não se trata de uma mera adequação de matérias a um projeto previamente determinado, mas a instauração de um meio rico em novas sensibilidades e possibilidades, que escapem ao ponto de vista de uma matéria estéril, tão cara a indústria do papel e à petrocomunicação que investem na anulação dos possíveis e da multiplicidade. Trata-se antes de uma abertura a um ponto de vista

dos materiais, ou seja, o de uma matéria viva, biodiversa e em movimento. O que implica criar condições de liberação da matéria-papel das apostas representacionais, de uma circulação excessiva e recalcitrante de informações, discursos preconcebidos e opiniões, em que tudo já está codificado e remete a uma história impotente do papel, uma história já vista, já dita, ouvida e pré-formada.



Flutuações persistentes (Arquivo Nuvens)^{viii}

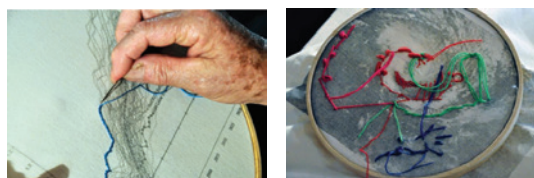
Uma tarefa que passa por abrir um entusiasmo vegetal no papel, por nos tornarmos dignos das plantas não apenas porque são elas que preparam o papel, mas também por esse incrível desejo das plantas de existir, como sentia a cineasta Agnès Varda ao catar batatas velhas no filme *Les Glaneurs et la Glaneuse* (2000) e experimentar sua potência de brotar infinitamente na instalação *Patatutopia* (2003). Passa por nos contagiarmos com essa capacidade surpreendente das plantas de se relacionarem com o Sol e “fazer mundos”, de constituir a biosfera tal como a conhecemos, como aprendemos no belíssimo livro *A vida das plantas* (2018) do filósofo Emanuele Coccia. Por pensar que a divulgação científica e cultural tem a ver com a dignificação do papel como matéria viva e o combate a tudo que quer escamotear o caráter criativo da matéria, tudo que quer cercear o vínculo imediato da matéria, do corpo, com a vida. Há que se atingir uma certa infância do papel, onde não sabemos de antemão o que pode ser comunicado e nos

lançamos em experimentações lúdicas com os materiais (revistas, jornais, fotografias, linhas, tintas, etc.), sem impor formas, projetos e objetivos, antes farejando e tateando as propensões criativas da matéria papel, exercendo modos de arruiná-la, abri-la, desfazê-la e torná-la disponível para outros cruzamentos, conexões inesperadas e ligas discordantes.

Há um chamado a estar atento a materialidade, a fazer existir nesse lidar materialmente, e isso diz respeito a uma mesopolítica (Stengers, 2008; 2010-2012). O lidar materialmente é sempre uma abertura aos devires inauditos, imprevisíveis e implica uma atenção feminina às práticas e técnicas, rechaçando qualquer separação entre teoria e prática, qualquer a priori e qualquer generalização e forçando a uma disposição a um pensamento em ato, atento ao que surge em cada situação. Stengers pensa a mesopolítica (2008, 2010-2012) especialmente junto ao trabalho ativo das ciências e as práticas das bruxas neopagãs - particularmente da escritora e ativista Starhawk e o movimento Reclaiming Tradition Witchcraft^{ix} - e ressalta que o que importa não são as propriedades abstratas e os estados genéricos da matéria, mas sim os ínfimos acontecimentos que se dão a cada movimento, a cada passagem entre gestos, ao romper, rachar, rasgar, cortar, lixar, furar, suspender, lavar, martelar, varrer, juntar... Gestos que abrem possibilidades incessantes do pensamento ser surpreendido por algo que se põe em relação, algo produz ressonâncias inesperadas.

O estudos dos processos e trabalhos artísticos tem nos feito pensar essa mesopolítica. Entre os artistas, além de Geoffrey Farmer, Leila Danzinger, o grupo de teatro Ponto de

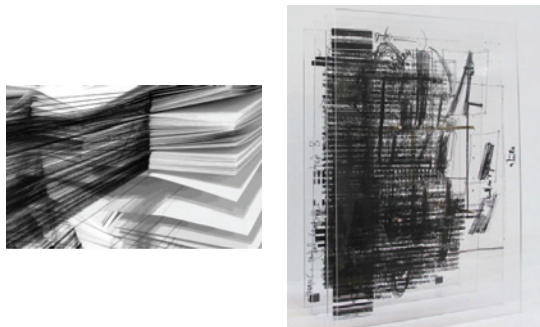
Partida, especialmente no espetáculo com Milton Nascimento Ser Minas Tão Gerais, as experimentações-limites com o fotográfico de Rosângela Rennó, as instalações imagéticas e sonoras de Cildo Meirelles, os hakeamentos entre artes e ciências operados por Walmor Corrêa e as bordadeiras do grupo “Entrefios e memórias”. Este grupo, coordenado por Marli Wunder e Neusinha Aguiar, tivemos a possibilidade de encontrar no Centro Cultural Casarão do Barão e propor intervenções em imagens associadas às mudanças climáticas.



*“Entre fios: o tecido, a modelagem e o tempo” e
“Imagens entretecidas: a linha, o bastidor,
o tempo”^x*

Particularmente nos interessaram e inspiraram os trabalhos da artista brasileira Edith Derdyk, que experimenta de múltiplos modos as potencialidades de uma espécie anarquia ecológica entre linhas, papéis, pregos, agulhas, paredes, árvores, animais, ar... A expressão “anarquia ecológica” que Stengers (2017) usa para pensar o rizoma de Deleuze, traduz o encanto das conexões entre modos heterogêneos de habitar a Terra, sem que nenhum deles seja privilegiado e todos se tornem passíveis de se conectar. Tais conexões não são pré-existentes, antes precisam ser criadas e dependem de cada processo. A artista se diz uma “costureira” que articula diferentes práticas, aciona procedimentos oriundos de diversos campos do

conhecimento (matemática, engenharia, artes, filosofia...), lida com materiais muito distintos, tudo isso para abrir o desenho para movimentos e transmutações impensadas e entender as linhas.



Escrita, gravura, fotografia, livro-de-artista e instalações são para ela modos de fazer o desenho variar, de seguir desenhando por outras dimensões, caminhos, materialidades, de intensificar os modos de existir das linhas, de instaurar novos modos das linhas existirem (Souriau, 2017). Torna visível como as linhas existem entre as coisas e, ao mesmo tempo, como as coisas são feitas de linhas. As linhas têm uma potência oscilante e especulativa: “as linhas sempre vão e voltam, estão sempre buscando algo por vir, a ideia do futuro” (Derdyk, s.a.)^{xi}. As linhas não apenas conectam as coisas-seres-forçasmundos já existentes, mas arrastam tudo para devires impensados, abrem para povoações anômalas. Libertando as linhas de uma percepção homogênea e regular, libertando os papéis de funcionamentos já dados, lançando linhas e papéis em experimentações pelo espaço, devolvendo às linhas e papéis suas forças de fazer mundos, suas potências arquitetônicas e cinematográficas. Ressoam das núpcias entre linhas e papéis

algo das relações rizomáticas entre a vespa e a orquídea (Deleuze; Guattari, 1995), mas também há uma abertura para devires ainda mais contingentes, que não resultam de processos coevolutivos dessa natureza. É como se linhas e papéis fossem lançados às polinizações imprevisíveis, como as feitas pelo vento.



No vídeo “Edith Derdyk - Fantasmagorie, 2017”^{xii}, entramos em relação com as instalações feitas de finos fios de algodão no bosque do jardim de esculturas La Petit Escalère, no sudoeste da França, a convite da curadora Dominique Haim. Vemos as delicadas tramas desenhadas graficamente por Edith entre as árvores e sentimos como sua fala instala prolongamentos vitais com seus procedimentos e modos de pensar. As linhas criam um “muro invisível que pode ser transpassado pelo olhar”, “vetores” que dão a ver a “musculatura do ar”, que permitem “visibilizar o que há entre as coisas” (Derdyk, 2017). O espaço, o ambiente, o bosque, não é um mais um mero pano de fundo inerte, mas antes um puro campo de possibilidades de relações escultóricas, pictóricas e musicais, e de transmutação constante de umas

nas outras. As linhas entre as árvores geram “partituras musicais” que são tocadas pela luz, vento, plantas e animais.

O espaço é todo vivo, pleno de jogos incessantes de forças e movimentos, e o trabalho da artista passa por pedir licença para tornar tátil e audível esse “gigantesco tear do mundo” (William James), que não cessa de se reinventar entre luzes, cores, sons e corpos. Não há mais o artista como um criador e suas criaturas, o sujeito e o objeto, há antes um meio vital em que os gestos criadores passam a ter uma vida própria e os corpos, inclusive da artista, tornam-se dignos de acolhê-los. Os humanos tornam-se linhas entre linhas... (DIAS, 2018, s.p.).

Estes artistas, e os seres estéticos que eles ajudam a trazer ao mundo, têm nos ensinado a ganhar intimidade com uma matéria viva, a entrar em comunicação com uma matéria ativa, a tornar ventos, rios, mares, nuvens, animais, pedras, árvores, pessoas, imagens, sons, palavras, papéis em interessantes e potentes parceiros de pensamento e criação, cultivando possibilidades de que, quem sabe, eles também possam entrar em comunicação conosco. Têm nos convidado a sondarmos algo que pode se tornar sensível nas passagens entre um material e outro, que se dá nas alterações das funções e propriedades dos materiais, que acontece nos aglomerados e simbioses entre materiais heterogêneos, aprender com o que pode ativar experimentações cosmogenéticas com os materiais e que faz existir uma floresta do sensível.

Todo um “mesoconhecimento” (Stengers, 2008) que não se põe em jogo quando se pensa em Ciência, Arte e Filosofia - em geral, com maiúsculas e no singular -, mas sim quando ciências, artes e filosofias, com minúsculas e

no plural, se tornam forças que proliferam, se articulam e compõem em novos modos de existência pelas mais diversas práticas e ofícios. Não que artes, ciências e filosofias se tornem uma mesma coisa (ideia que tem aparecido com frequência quando se juntam artistas e cientistas), o que seria tão prejudicial à proliferação da biodiversidade como as insistentes apostas que fixam e reduzem artes, ciências e filosofias às instituições e sujeitos. Problema que diz respeito a pensar que os processos comunicantes têm menos a ver com dar voz a um cosmos preexistente, a uma floresta já dada, e mais com nutrir uma aliança com o cosmos, com as florestas, como operadores da imanência. Operadores que neutralizam as lógicas duais, normativas e excludentes, permitindo que o juízo e desqualificação sejam suspensos e que se instalem em nossos corpos práticas de doação infinitas para que o papel possa existir como matéria viva.

Bibliografia

- DADA, Faseyi Awogbemi; FREITAS, Glória. Dialogando com a semente de obi ou a floresta: um convite para conhecer um pouco da nossa tradição religiosa e cultura Yoruba. *ClimaCom - Diálogos do Antropoceno* [online], Campinas, ano. 5, n. 12. Ago. 2018. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9478>
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: ED34, 1992. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006. (estudos; 35/ dirigida por J. Guinsburg).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. São Paulo: ED. 34, 1995. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: ED. 34, 1997. (Coleção TRANS).

DIAS, Susana Oliveira. “Cenários Sensíveis - apresentação curadoria”. *ClimaCom*. Ano 5, n. 12, ago. 2018. Disponível em: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?page_id=10022 Acesso em: jan. 2019.

COCCIA, Emanuelle. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Trad. Fernando Scheibe - Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018.

HARAWAY, Donna. “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes”. *ClimaCom*. Ano 3, n. 5, abr. de 2016. Disponível em: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wpcontent/uploads/2014/12/dossie_climacom_vulnerabilidade.pdf. Acesso: jan. 2019.

LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1, 2017.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2a ed.. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOURIAU, Étienne. *Los diferentes modos de existencia/ Étienne Souriau: prefácio de Bruno Latour; Isabelle Stengers*. Trad. Sebastian Puente. 1a. ed.. volumen combinado. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2017.

STENGERS, Isabelle. *History through the middle: between macro and mesopolitics*. Interview with Isabelle Stengers. Interviewer: Brian Massumi e Erin Manning. Trad. Brian Massumi. *Inflexions*, n. 3, 25 de nov. 2008. Disponível em: http://www.inflexions.org/n3_History-through-the-Middle-Between-Macro-andMesopolitics-1.pdf Acesso em: jun. 2018.

STENGERS, Isabelle; OOSTERLING, Henk. *Ecosophical activism - between micropolitics and mesopolitics*. Conversation with Isabelle Stengers and Henk Oosterling. Interviewer: Sjoerd van Tuinen. Dutch translation in Henk Oosterling, *ECO3*. Doendenken. Rotterdam Vakmanstad/Skillcity 2010-2012, Jap Sambooks, Heijningen 201. Disponível em: https://www.academia.edu/4854566/Ecosophical_Activism_-_Between_Micropolitics_and_Mesopolitics_conversation_with_Isabelle_Stengers_and_Henk_Oosterling_2012 _ Acesso em: jun de 2018.

STENGERS, Isabelle. *Reativar o animismo*. Trad. Jamile Pinheiro. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017.

SZTUTMAN, Renato. *Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência - pensando com Isabelle Stengers*. *Rev. Inst. Estud. Bras.* [online]. 2018, n.69 [cited 2019-07-20], pp.338-360. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742018000100338&lng=en&nrm=iso. ISSN 0020-3874. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v0i69p338-360>. Acesso em: jan. 2019.

Recebido em: 01/05/2020

Aceito em: 05/06/2020

ii Este artigo está vinculado aos projetos: “Por uma nova ecologia das emissões e disseminações: como a comunicação pode modular a mais intensa potência de existir do humano diante das mudanças climáticas?” (CNPq) e “INCT-Mudanças Climáticas Fase 2” (financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e a CAPES projeto 16/2014).

iii Vídeo-entrevista com Bruno Latour montado com uma floresta de papel revista criada com públicos diversos em vários eventos de divulgação científica. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=2984>
iv “notícias são tratadas como espécimes mutantes, abertas à proliferação e contágio com outras linguagens e formas de expressão. Um espaço em que imagens, palavras e sons não são apenas porta-vozes dos problemas colocados pelos cientistas - imagens, palavras e sons

colocam-se, eles mesmos, como problemas de futuro a serem experimentados com o público. Como comunicar as mudanças climáticas diante de tantas abordagens clichês que não nos sensibilizam mais? As notícias-espécies-híbridas nasceram do encontro entre os problemas e metodologias de pesquisa de cada uma dessas redes com as obras *O Livro das Ignoranças*, de Manoel de Barros, *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, e *Kalahari*, de José Serguilha”. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=1900>

v <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/zugang/>

vi <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/midas/>

vii Sertão-Sul (estudo para monumento) de Gustavo Torrezan; A margem do Coletivo Garapa; Ochente coordenado pela professora Elenise Andrade da UFES e feito por artistas de rua de Feira de Santana; Coletivo Invisível, de Alessandra Melo e adolescentes internos na Fundação Casa; A parir-sons do grupo OLHO da FE-Unicamp; Dizer-cidade: ritmos e olhares do grupo Rasuras da UFES; Escavações do Coletivo Fabulografias; Fotocosmografias que fiz junto com Natasha Mota e Ricardo Lilika; e os vídeos Estação Experimental, Entre-vidas - entrevista com Paulo Nobre e Imagens entre-tecidas: a linha, o bastidor e o tempo, produzidos pelo grupo multiTÃO. A exposição contou ainda com intervenções no museu e na cidade: a apresentação Kalahari do poeta português Luiz Serguilha, a intervenção no centro de Campinas Para onde o rio corre de Guga Ferraz, a performance Cunhãntã, do Coletivo Cê de Sorocaba, a intervenção Desfiar Áfricas de Glauco Roberto e Velho Chico de Claudio Camargo e Diego de Souza. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/aparicoes/>

viii <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/arquivo-nuvens-flutuacoes-persistentes/>

ix Uma organização ecofeminista fundada em 1980 por Diana Baker e Starhawk com o objetivo de aliar espiritualidade e política. “A Reclaiming Tradition é decerto um esforço de exercer esta insistência do cosmos sobre a política, conectando a religião e a magia da Deusa (concebida como força vital imanente) a atos de desobediência civil, realizados em manifestações públicas e dirigidos sobretudo contra a militarização e os grandes acordos econômicos que pautam a globalização

capitalística. É diante deste cenário que o ato ou atitude de reclaim torna-se uma tópica crucial da proposta cosmopolítica de Stengers” (Sztutman, 2018, p. 2).

x Cenários antropogênicos presentes em revistas (queimadas, furacões, gráficos com cenários futuros de aquecimento global...) impressos em tecidos e compartilhados com as bordadeiras do grupo “Entrefios e memórias”. O encontro resultou em uma série fotográfica e um vídeo. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=935> e Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=1301>

xi <https://www.youtube.com/watch?v=lriA9Z0OcNg&feature=share>

xii <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9770>